



Graduação em Filosofia – Universidade Estadual de Campinas

Discente: André Alves Tenca

Docente Orientador: Marco Antonio Caron Ruffino

Título do Projeto de Iniciação Científica: *A semântica do tempo entre as teses Eternalista e Presentista: um estudo comparado.*

Dentre os problemas mais tradicionais e fascinantes da filosofia encontra-se a questão sobre a natureza do *tempo*. Aristóteles, ao tentar explicar o que seria o tempo, o definiu como sendo “a medida do movimento” (*Física*, Cap. 12). Sua tese acerca da existência das entidades na linha temporal, se tomada como uma tese que trata apenas da existência atual, pode ser compreendida como uma tese Presentista. Parmênides propunha, de modo análogo a tese Eternalista, que não havia mudança ontológica das propriedades temporais dos eventos e, desta forma, concluiu que o tempo não poderia ser real. Na contemporaneidade, a discussão acerca da natureza do tempo se desenvolveu de diversos modos: (i) pelo debate entre os defensores da Teoria-A [*A-Theory*] e os defensores da Teoria-B [*B-Theory*], entre outros; (ii) pela distinção entre as teses do Presentismo, da Teoria do Passado Crescente [*Growing-Past*] e do Eternalismo (Não-Presentismo), entre outros. Enquanto o campo (i) se concentra na formação de métodos e teorias para analisar o conceito e a natureza do tempo, o campo (ii) se dedica sobre questões ontológicas relacionadas às propriedades temporais.

Dentre os defensores da tese da *irrealidade* do tempo se encontram notáveis filósofos. Além do já mencionado Parmênides, se encontram na modernidade e na idade

contemporânea, respectivamente, Spinoza e McTaggart. Este último possui importância especial para a formulação atual do debate filosófico e metafísico sobre o tempo, e assim se faz necessário introduzir sua tese de forma simplificada. Em sua obra de 1908, *The Nature of Existence*, McTaggart propõe a organização dos eventos no tempo de duas maneiras distintas – dada uma certa ontologia– definidas pelas *Séries A e B* [*A-Series, B-Series*]:

- **Série-A.** Nesta série, os eventos são separados a partir de um instante t_1 , onde t_1 representa o presente (o “agora”). Os eventos passados se encontram posicionados para trás de t_1 , enquanto que os eventos futuros são posicionados depois de t_1 , considerando uma linha temporal onde o tempo “aponta” para a direita, e.g.: Aristóteles tomando a cicuta aconteceu antes do tempo presente, e assim, é e sempre será um evento passado;
- **Série-B.** Sejam dois eventos distintos E_1 e E_2 . A Série-B determina que uma dentre as três *relações* se aplica a E_1 e E_2 : i) E_1 é anterior a E_2 ; ii) E_1 é posterior a E_2 ; E_1 é simultâneo E_2 . Assim, a posição de um evento na linha temporal é sempre relativa a outro evento, e.g.: Aristóteles tomando a cicuta é anterior (passado) a queda da Bastilha, ao mesmo tempo que é posterior (futuro) à construção das pirâmides de Ramsés.

McTaggart argumentou que a *Série-A*, contrariamente à *Série-B*, é a única que *pode* garantir a distinção entre passado, presente e futuro. Esta distinção, por sua vez, garante a mudança, que é o aspecto básico do tempo. Porém, ao demonstrar que a *Série-A* falha em garantir esta distinção entre propriedades temporais, e conseqüentemente, falha em garantir a mudança, McTaggart concluiu que o tempo não poderia ser real. Embora a maioria dos filósofos não tenham ficado convencidos com a conclusão de McTaggart, muitos deles concordaram com parte de seu argumento. Aqueles que concordaram com a afirmação de que a *Série-A* garante a existência do tempo ficaram conhecidos como

defensores da **Teoria-A** do tempo. Os que aceitaram, da mesma maneira que McTaggart, o argumento contra a **Série-A**, e acreditam que apenas a **Série-B** pode constituir o tempo são os defensores da **Teoria-B** do tempo.

A organização dos eventos na história da humanidade é a mesma em ambas as teorias, porém para a **Teoria-B** as propriedades temporais (de um evento “ser posterior a” ou “anterior a” um dado evento) são propriedades *relativas* (a um par de eventos), ao contrário das propriedades da **Teoria-A**, que são (em algum sentido) *absolutas*, sendo determinadas por um “agora”, o instante presente que divide o passado do futuro.

Quanto ao valor de verdade de proposições, as duas teorias se distinguem de modo peculiar:

- Na **Teoria-B**: as proposições são verdadeiras ou falsas levando em consideração o evento pelo qual são representadas. Por exemplo, a sentença “Eu estou sentado” é verdadeira para um B-Teórico [*B-Theorist*] quando analisada em termos do evento e do tempo deste mesmo evento. Assim, tal sentença deve ser traduzida de modo apropriado, gerando algo como “Eu estou sentado *em* 21/06/2015 às 14:34’;55” ”. E somente assim podemos atribuir o valor de verdadeiro ou falso à proposição. Portanto, o *B-Teórico* contempla o evento a fim de poder atribuir um valor de verdade a uma proposição, isto é, os eventos em si são os verificadores de verdade (*truthmakers* ou *falsemakers*). Neste sentido, é pertinente ao *B-Teórico* tratar das proposições como sendo “verdadeiras-*em*” [*true-at*] ou “falsas-*em*” [*false-at*], levando em consideração o tempo em que ocorrem os eventos que são expressos.

- Na **Teoria-A**: o momento em que a proposição é expressa pouco importa para seu valor de verdade. Considerando novamente a sentença “Eu estou sentado” como exemplo, o proponente da **Teoria-A** defenderá que o verificador de verdade de tal sentença se

encontra no tempo presente. Da mesma forma, proposições que remetem ao tempo anterior ou posterior ao “agora” possuem verificadores de verdade que se encontram, respectivamente, no passado e no futuro. Aqui, vale ressaltar que, para um *A-Teórico*, proposições acerca do futuro se tornam irrelevantes, uma vez que o futuro é “aberto”, ou seja, indeterminado, o que faz com que proposições sobre o futuro não possuam um valor de verdade definido, uma vez que não é possível que determinemos o que as tornam (ou tornarão) verdadeiras ou falsas.

A partir do vasto debate entre as *Teoria-A* e *Teoria-B*, que tentam, cada uma a seu modo, explicar a natureza do tempo, emergiram outras áreas de discussão na filosofia do tempo. Uma delas é a área que trata da ontologia do tempo e das propriedades temporais. Alguns temas como a diferença entre o passado, o presente e o futuro, bem como o da existência destes três são tópicos da ontologia do tempo. As principais teses ontológicas acerca do tempo e suas características são o Presentismo, a Teoria do Passado Crescente [*Growing-Past*] e o Eternalismo. Em minha pesquisa, me ative apenas aos casos do Presentismo e do Eternalismo.

De acordo com o *Presentismo*, somente os objetos do tempo presente constituem parte da realidade, i.e., existem. Desta forma, na visão Presentista, o passado e o futuro não existem, tampouco Sócrates e o próximo presidente dos Estados Unidos. A diferença entre estes dois é que Sócrates deixou de existir, enquanto que o próximo presidente dos Estados Unidos não existe agora, mas virá a existir em algum momento futuro.

O *Eternalismo*, por outro lado, propõe que não há uma distinção ontológica objetiva entre passado, presente e futuro. Costuma ser atribuída aos eternalistas uma visão “espacial” do tempo, no sentido que o Eternalismo trata das distinções temporais da

mesma forma que as distinções espaciais – a distinção entre presente, passado e futuro é entendida pelo eternalista similarmente à distinção entre “aqui” e “ali”, i.e., são distinções subjetivas. Por essa razão, o Eternalismo considera que todos os objetos que se encontram na “linha” do tempo, independentemente de onde estiverem, existem de fato. Esta conclusão não é facilmente concebida por nós, dado que é de fato estranho imaginar que eventos ou objetos que não vieram a acontecer possam ser considerados existentes. A maioria dos Eternalistas aceitam a *Teoria-B* do tempo, enquanto que Presentistas e defensores da PC tendem a aceitar a *Teoria-A*.

O Objetivo de minha pesquisa em Iniciação Científica é expor e analisar os problemas decorrentes das aceitações de ambas as teses, de modo a oferecer soluções baseadas na literatura principal sobre Metafísica do Tempo. No caso do Presentismo, nos deparamos com o problema da Fundamentação das proposições verdadeiras acerca do passado. Tal problema surge uma vez que não há um indivíduo ou objeto específico que possa fundamentar tais proposições, dado que a tese presentista toma objetos não-presentes como inexistentes. Quanto ao Eternalismo, seus adeptos se deparam com a objeção de que sua aceitação culminaria em um cenário determinista, visto que a tese eternalista defende que fatos futuros, assim como os objetos, existem atualmente (i.e., existem agora). Ademais, busco despertar, mesmo que de forma mínima, o interesse do leitor no assunto, bem como em outras áreas da filosofia.